



JOÃO OSÓRIO de CASTRO

D. João II

EDIÇÕES ELO - TEATRO

JOÃO OSÓRIO DE CASTRO

D. JOÃO II

Teatro

Edições



1998

Ficha Técnica

TÍTULO

D. João II

Autor

João Osório de Castro

Capa

Ricardo Miranda

Coordenação

João Gil

Edição, Impressão e Acabamento

ELO – Publicidade, Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal

125427/98

ISBN

972-9181-54-3

Reprodução Proibida

PERSONAGENS

(A acção desta peça decorre nos últimos quatro anos do reinado de D. João II – 1491-1495)

D. João II - Rei de Portugal.

D. Leonor - Rainha de Portugal.

Infanta D. Filipa de Lencastre - Tia do Rei .

Frei João da Póvoa - Confessor do Rei.

Aires da Silva - Camareiro do Rei.

Luiz Freire - Funcionário das Alfândegas.

Sombra

Vasco da Gama - Navegador.

D. Diogo Ortiz - Militar, astrólogo e bispo de Tânger.

Mestre Abraão Zacuto - Astrólogo e médico.

D. Ana de Mendonça - Amante de D. João II. Mãe de D. Jorge, filho de D. João II.

D. Francisco de Almeida - Navegador.

Cristóbal Colón - Navegador ao serviço dos reis de Castela e Aragão.

D. António - Príncipe africano.

Um Folião - Actor - Apresentador.

Uma Dama Boba .

Frei António de La Peña - Emissário dos reis de Castela e Aragão.

Frei Diego de Madalena - Emissário dos reis de Castela e Aragão.

Rui de Sousa - Embaixador de Portugal.

Embaixador de Castela e Aragão.

Aires Teles - Braceiro.

Dois homens e uma mulher - Povo.

Nota: Está prevista a dobragem de papéis por parte importante dos actores.

I ACTO

I CENA

(Infanta D. Filipa de Lencastre. D. João II, seu sobrinho. D. João descansa, com a cabeça reclinada sobre os joelhos da infanta. A Infanta mantém uma mão sobre um ombro do rei. Este permanece uns largos segundos imóvel.)

D. FILIPA DE LENCASTRE

(Carinhosa, suavemente.)

João, meu João...

(Após mais uns instantes, D. João levanta a cabeça lentamente. Estranho, olha à sua volta.)

D. JOÃO II

(Bem disposto, batendo as palmas.)

Depois de um bom almoço, cáí no sono! Coisa boa.

(Procura as mãos de D. Filipa.)

Descansai entre as minhas as vossas mãos!

(Beija a mão da infanta.)

Junto de vós, volto a ser menino. *(Continua a beijá-la)*

Minha tia Filipa! Minha mãe Filipa... Como gostaria de ficar por aqui uns dias neste paraíso!

D. FILIPA DE LENCASTRE

(Acaricia-o. O rei levanta-se.)

E bem o mereceis. Trabalhais por quatro ou cinco.

D. JOÃO II

(Levanta os braços.)

Os meus braços têm de erguer-se bem alto contra as novas arremetidas... *(Vai baixando os braços lentamente.)*

D. FILIPA DE LENCASTRE

(Acaricia-o, ajuda-o a levantar de novo os braços.)

A dor, que nos aperta o peito, também nos incendeia a alma para a luta.

D. JOÃO II

(Leva as mãos ao peito e à garganta, num acesso de inconformidade.)

Nunca deixará de me atormentar a visão terrível do meu filho Afonso, deitado pelo chão, sujo de terra e lodo...

(Pequena pausa.)

As víboras que rastejavam, essas levantam de novo as cabeças, atentas, ansiosas...

D. FILIPA DE LENCASTRE

A ambição, tereis de a enfrentar até ao fim da vossa vida. Sois ainda novo... Tendes um outro filho. Pode ser ele o futuro rei!

D. JOÃO II

(Agarra a mão da infanta. Interroga-a, como se o fizesse a si próprio.)

Muitas vezes, no meu íntimo, me interrogo... Naquela morte terá andado a mão da Providência?

O Afonso em todos confiava! Tinha maior gosto no uso de ricos fatos do que no manejo de boas armas. Ele não seria homem para governar estes reinos...

(Pausa.)

D. FILIPA DE LENCASTRE

(Carinhosa.)

A vossa força protegia-o. Os excessivos mimos da rainha não o ajudaram. Foi criado entre mulheres. Mas era fogoso e ardente como vós.

D. JOÃO II

Como tudo mudou...

(Exalta-se.) Agora a rainha ganhou rancor ao meu filho Jorge. Continua a não o receber. E não quer deslocar-se aonde o possa encontrar! Nunca lhe conheci esta firmeza.

D. FILIPA DE LENCASTRE

A rainha deve-vos obediência, como marido e como rei!

(Pausa.) Mas conheceis como ela está bem segura pelos nossos contrários.

D. JOÃO II

(Excitado.)

Saberei algum dia de que malvadas mãos partiu a encomenda?

D. FILIPA DE LENCASTRE

Tudo indica que, dessa vez, a morte dispensou a humana traição para vos ferir...

(D. Filipa dirige-se a um armário, de onde retira uma cota de malha, esburacada. Coloca-a à sua frente.)

Há muito tempo que não tocais nesta cota de malha.

(D. João, comovido, segura nas suas mãos a cota de malha.)

As espadeiradas abriram feridas mortais por aqui. *(Leva a cota de malha à cara.)* Esta relíquia ainda tem restos do sangue do vosso avô, D. Pedro.

D. JOÃO II

(D. João recolhe nas suas mãos a cota de malha, que a tia carinhosamente lhe entrega.)

Deixai-me cingir esta nobre cota de bravura! *(Executa.)*

Como é forte este abraço, em tempos tão carregados de presságios!

Pela calada da noite, se ajuntam as corujas, para envolverem o falcão que julgam ferido. *(Rijo.)* O simples melaço do sono breve lhe querem tirar.

(Procura meter as mãos nos buracos da malha.)

Por aqui os matadores cumpriram a obra da traição.

(Leva a cota de malha à boca para a beijar.)

Quero sentir nas minhas mãos a afronta destas chagas.

(Levanta a cota acima da cabeça.)

Eis um grande feixe de luz que o crime não apagou !

(Pega nos punhos da cota de malha.)

Dai-me as vossas mãos, avô! Deixai-me agarrar bem as vossas mãos! *(Pausa. Silêncio.)*

Se, por cansaço, me mostrar fraco, sacudi-me sem medo!

Gritai-me :

“Olha à tua volta!”

“Para hiena, tigre!”

“Para tigre, leão!

“Esbraceja, fere!”

“Acorda, João, João de Portugal!”

“Se eles ameaçam levantar-se do seu túmulo,”

“E vêm ainda reclamar a tua morte,”

“Ergue alto a tua espada!”

“Fere-os de novo, primeiro!”

(D. Filipa de Lencastre junta-se a D. João no afago à cota de malha.)

D. FILIPA DE LENCASTRE

(Também excitada.)

Os dois não o esqueceremos! Os inimigos que deixaram o nosso morto caído no campo de Alfarrobeira, para que fosse comido pelos cães, continuam a morder-lhe na memória.

(D. Filipa de Lencastre leva uma mão ao coração do rei.)

O vosso coração bate forte. Ampara-vos o amor da vossa mãe... Tendes no sangue o espírito do vosso avô... que amou o povo, defendeu-o nas suas dores, acudiu-lhe com boa justiça.

(Pequena pausa.)

Estarei ao vosso lado e também ao lado do vosso filho Jorge...

Olhai agora por ele. Dentro de poucos anos estará um homem.

É a esperança do nosso sangue.

D. JOÃO II

(Agarra com veemência a mão de D. Filipa.)

Os dois somos um! Esta é uma aliança sagrada.

D. FILIPA DE LENCASTRE

A nossa ligação é de vida e de morte. O mal do ódio a justifica.

(Pausa.) Como o meu Pai, muito tendes trabalhado, para que neste reino se pudesse ter outra paz. Mas não teremos paz!

A justiça e o povo têm poucos amigos entre a maior parte da gente, porque defendê-los é um jogo perigoso, onde o poder com dificuldade ganha e facilmente perde!

A ventura ou a desventura da nossa família estão ligadas à sorte da vossa vida. Sei-o desde o dia do vosso nascimento... *(Tocam-se com ternura.)*

D. JOÃO II

Fostes o meu amparo desde o primeiro berço... e continuareis a sê-lo.

(Afasta a tia suavemente.)

Tenho de pedir-vos um serviço, antes de partir. Aves de mau agouro circulam à volta da rainha.

D. FILIPA DE LENCASTRE

(Atenta.)

Necessitais olhos perspicazes e ouvidos atentos! São as armas mais necessárias em todas as guerras...

D. JOÃO II

Chegaram dois emissários dos reis de Castela, portadores de recados dirigidos à rainha que não pecam pela ingenuidade. Saberei cortar-lhes os passos.

(Sorrindo, olhando à volta, bem disposto.)

Fez-me bem descansar entre estas paredes amigas.

(Leva a mão à espada.)

Com esta espada, sinto-me pronto para de novo enfrentar sozinho um toiro tresmalhado em Alcochete. *(Ri-se.)*

D. FILIPA DE LENCASTRE

(Riso alegre.)

Bravo! Bravo!

(Pausa.)

Quanto às aves canoras, vindas de Castela, podeis contar comigo!

D. JOÃO II

(Sorriso aberto.)

Sempre conto com a grandeza da vossa ajuda!

D. FILIPA DE LENCASTRE

Em breve visitarei o Paço! Com prudência, darei trabalho atento aos meus olhos e aos meus ouvidos.

D. JOÃO II

(Beija a mão da tia. Graceja com ela.)

Lá, como de costume, com a cabeça deitada no regaço da minha sábia tia, confessar-nos-emos um ao outro.

II CENA

(D. João II e rainha D. Leonor. Palácio de Alcáçovas. O rei entra e dirige-se à rainha.)

D. JOÃO II

Tínheis-me prometido não voltar tão cedo a este quarto.
Onde está a vossa palavra?

D. LEONOR

(Estranha.)

O quarto, onde dei à luz o nosso filho, é, entre todos, o mais alegre do palácio.

(Olha à volta, perturbada.)

Aqui recebo algum consolo para os meus muitos desgostos...

D. JOÃO II

Pensai que também eu sofro, carente dos vossos cuidados.
A minha bela esposa onde se encontra?

(Sorri. Tenta acariciar as mãos da rainha, que se esquivava.)

Achais-me tão feio que mereça abandono?

(Sorridente.)

Terei peçonha?

D. LEONOR

Gostaria de vos acompanhar na vossa boa disposição,
como o fazia noutros tempos mais felizes.

D. JOÃO II

(Tenta de novo a aproximação.)

Melhores horas hão-de bater-nos à porta.

D. LEONOR

(Retraída.)

Bem desejaria ter motivos para me sentir consolada e chorar apenas lágrimas de alegria!

Pudesse eu, de verdade, abraçar o meu filho e, de novo, lhe entregar um futuro para viver!

D. JOÃO II

Se mostrarmos cara alegre à dor, ela limita-se na sua fúria.

D. LEONOR

A minha dor não tem medida.

D. JOÃO II

(Duro.)

Combatê-la com força, quando ela nos fere, é um sagrado dever.

Os vossos silêncios, os desencontros, julgo-os pouco naturais! Sois-me necessária a meu lado. Não me agradam os recados que recebeis de Castela; dos reis e dos vossos parentes! Sabeis que vos falo com razão!

(Pequena pausa. Duro.)

Quero que me acompanheis nas cerimónias da investidura de D. Jorge nos mestrados de Aviz e de Santiago!

D. LEONOR

(Soergue-se na cama, inquieta.)

De joelhos, diante de um altar, vos suplicarei. Não me forceis a ver, já a caminho do trono, quem não está nos desígnios de Deus para o ocupar!

Os meus olhos não saberiam reter acusadoras lágrimas, recordados da antiga fortuna do nosso filho, a quem estava prometido ser um dos maiores e mais nobres príncipes do mundo... *(Pequena pausa.)* E que, contudo, já me parece por vós bastante esquecido!

D. JOÃO II

Com que justiça o afirmais?

Não é menor do que o vosso o meu sofrimento, por ter de o esconder!

Muitas vezes desejei enfrentar com o meu ceptro a face de Deus, que, num ápice, deitou por terra o grande futuro que eu estava a erigir para a nossa casa...

Mas poderei, como um jovem, gritar-lhe: Tudo o que prometeis é nada?!

Devo incitar os abutres e dizer-lhes: Vinde, pousai depressa! Estou pronto para o vosso banquete!

(Determinado.)

O meu dever de rei não se deixará vencer pelo desânimo! Devereis decidir de que lado vos encontrais.